



ISSN: 1983-8379

## Entre O Amor E A Dor: O Gênero E A Violência No Discurso Da Mulher Negra

Stefane Soares Pereira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar dois contos na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), da autora negra brasileira Conceição Evaristo. Nestes contos, observaremos a luta da escritora contra o sexismo. Para compreendermos a discussão da violência contra a mulher, utilizaremos como base feministas negras como bell hooks (2000) e Carole Boyce Davies (1994).

**Palavras-chave:** Gênero; Mulher; Violência.

**ABSTRACT:** The aim of this text is to analyze two short stories of the book *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), by the Brazilian black writer Conceição Evaristo. In these short stories, we observe the struggle of the writer to end sexism. In order to comprehend the discussion of violence against women, we will use the concepts of black feminists such as bell hooks (2000) and Carole Boyce Davies (1994).

**Key-words:** Gender; Woman; Violence.

### Introdução

Neste trabalho, analisaremos os contos “Aramides Florença” e “Shirley Paixão” da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), da autora negra brasileira Conceição Evaristo. Neste livro, Evaristo reúne histórias de mulheres negras que, de alguma forma, foram vítimas do sexismo e da violência sexual.

Ao nos envolvermos com os relatos de mulheres negras observamos o recorrente uso do termo “vítima” por feministas negras como bell hooks (2000) e Carol Boyce Davies (1994). Os relatos ouvidos pela narradora da obra de Evaristo confirmam os argumentos destas feministas que afirmam que toda mulher negra já sofreu ou exerceu algum tipo de agressão na relação negro-negro.

### 1. A violência e o abuso sexual no espaço doméstico

---

<sup>1</sup> Mestre em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Atual docente na Universidade Salgado de Oliveira.



ISSN: 1983-8379

“Aramides Florença” é o primeiro conto do livro. Durante a gravidez a personagem sofre pequenos atos de violência do pai de seu filho, e logo, dias após o parto é realmente violentada. “Shirley Paixão” é o terceiro conto do livro, aborda a vivência de uma mulher que se unindo a um novo companheiro adota afetivamente as três filhas dele. Concomitantemente aos cuidados da filha mais velha de seu companheiro, que guardava um silêncio muito particular, Shirley descobre o abuso sexual sofrido pela menina, agredindo o marido com uma barra de ferro.

Tanto no conto de Aramides quanto no relato de Shirley encontramos uma aparente harmonia no lar. As duas mulheres, inicialmente, viviam bem com seus companheiros, em um ambiente coberto pelo véu<sup>2</sup> da cumplicidade e do respeito. Mas logo, observam que seus companheiros exercem a dominação e a força em casa com a violência. São, sobretudo, opressores, mesmo sendo também oprimidos fora do espaço doméstico. Isso, porém, não pode justificar a maneira violenta como oprimem o sujeito feminino. A feminista estadunidense bell hooks (2000, p. 76) afirma ser o homem “um opressor. Ele é um inimigo das mulheres. Ele é também um inimigo de si mesmo. Ele é também oprimido. O abuso dele contra as mulheres não é justificável. Embora ele tenha sido socializado para agir com tal”<sup>3</sup>.

Não está explícita no conto “Shirley Paixão” a ocupação profissional do companheiro de Shirley. Portanto, não sabemos claramente o tipo de opressão sofrida pelo marido da personagem. Todavia, em “Aramides Florença” sabemos que Aramides profissionalmente ocupava uma posição privilegiada se compararmos o posicionamento de seu marido: “Ela, chefe do departamento de pessoal de uma promissora empresa; ele, funcionário de um grande banco” (EVARISTO, 2011, p. 13).

A personagem Shirley Paixão, entretanto, ao contrário de Aramides, não precisa passar por experiências e incidentes mal explicados para se sentir incomodada com o vínculo

---

<sup>2</sup> Em *As almas da Gente Negra* (1903), Du Bois trabalha a invisibilidade através da metáfora do véu. O mais influente líder político negro dos Estados Unidos, na primeira metade do século XX, narra a primeira vez em que a *sombra* o invade, isto é, a negritude: na infância, quando, em uma pequena escola de madeira, os alunos compraram cartões de visita e trocaram entre si, “uma menina alta, recém-chegada, recusou meu cartão. Recusou-o peremptoriamente, com um olhar. Então me ocorreu, com uma certa urgência, que era diferente dos outros; ou talvez semelhante no coração, na vida e nos anseios, mas isolado do mundo deles por um imenso véu” (DU BOIS, 1999, p. 53).

<sup>33</sup> “He is an oppressor. He is an enemy to women. He is also an enemy to himself. He is also oppressed. His abuse of women is not justifiable. Even though he has been socialized to act as he does” (Tradução nossa).



ISSN: 1983-8379

que unia ela e as meninas à figura masculina. Não era apenas a implicância de seu homem com o enlace das mulheres da casa. Havia algo submerso naquela casa e Shirley Paixão percebia, mas assim como fizera Aramides, preferia não decodificar: “Não sei explicar, mas, em alguns momentos, eu chegava a pensar que estávamos nos fortalecendo para um dia enfrentarmos uma luta. Uma batalha nos esperava e, no centro do combate, o inimigo seria ele” (EVARISTO, 2011, p. 26).

O “companheiro” de Shirley Paixão ficou viúvo e teve que ocupar um papel incomum ao homem na sociedade patriarcal: cuidar das três filhas. Seu descompromisso nas relações íntimas era descontado na forma como tratava a filha mais velha, Seni, com insultos verbais, e também abusos sexuais. Shirley Paixão e as meninas não desconfiavam. Ao contrário, na noite em que presenciaram a violência sexual praticada pelo pai com Seni “não reconheceram o pai, só podia ser um estranho” (EVARISTO, 2011, p. 29), enquanto Shirley achava que o companheiro apenas brigava mais uma vez com Seni, depois de enfurecer-se com os questionamentos vindos da professora de Seni:

Por um momento, pensei que ele, na ignorância dele, tivesse subido ao quarto para brigar mais uma vez com Seni. Foi quando assisti à cena mais dolorosa de minha vida. Um homem esbravejando, tentando agarrar, possuir, violentar o corpo nu de uma menina, enquanto outras vozes desesperadas, desamparadas, chamavam por socorro. Pediam ajuda ao pai, sem perceberem que ele era o próprio algoz (EVARISTO, 2011, p. 29-30).

O relato descritivo do abuso sexual de Seni deixa claro o símbolo de força e poder da figura masculina nas relações íntimas. O pai de Seni, e “companheiro” de Shirley é, simultaneamente, o inimigo e o amigo, tanto para suas crianças quanto para sua adulta mulher, ele representa o *falo*, o abrigo e a proteção. Esse estereótipo compartilhado em nossa sociedade da figura masculina é desconstruído.

Aramides, entretanto, apagou de sua memória os incidentes acontecidos durante sua gravidez, agrava-lhe o marido repartindo “os seus mil sorrisos” ao seu lado (EVARISTO, 2011, p. 14). Foram dois ocorridos sutilmente estranhos ao convívio do casal que inauguram o “mal estar na confiança que Aramides depositava em seu homem” (EVARISTO, 2011, p. 15). O primeiro, quando encontrou, ao se deitar “um desses aparelhos de barbear, em que se acopla a lâmina na hora do uso” (EVARISTO, 2011, p. 14). O segundo:



ISSN: 1983-8379

no último mês de gestação [Aramides] se contemplava no espelho do banheiro [...] Adivinhou o abraço que dele receberia por trás [...] Só que, esse instante, gritou de dor. Ele, que pouco fumava [...] Foi um gesto tão rápido e tão violento que o cigarro foi macerado e apagado no ventre de Aramides [...] ela teve a sensação de que o gesto dele tinha sido voluntário (EVARISTO, 2011, p.15).

Após duas semanas do nascimento da criança o homem de Aramides perde o encanto “com o milagre que ele também fazia acontecer” (EVARISTO, 2011, p. 14), violentando-a.

À mostra, o engano velado, que se instalara entre os dois desde a gravidez e que ambos tentavam ignorar, ganhou corpo concreto [...] arrancou o menino de meus braços [...] Numa sucessão de gestos violentos, ele me jogou sobre nossa cama, rasgando minhas roupas e tocando violentamente com a boca um dos meus seios que já estava descoberto no ato de amamentação de meu filho. E, dessa forma, o pai de Emildes me violentou. E, em mim, o que ainda doía um pouco pela passagem de meu filho, de dor aprofundada sofri (EVARISTO, 2011, p. 17-18).

O posicionamento do marido de Aramides constitui-se um exemplo não somente do egoísmo viril masculino, mas por uma outra perspectiva, do desespero do risco de colocar uma criança em um mundo que lhe oferecerá pouco se levarmos em consideração as oportunidades sociais do negro. A literatura negra de autoria feminina luta pelo fim da dominação. Não se sabe como a sociedade oprime o marido de Aramides e de Shirley Paixão, somente podemos assegurar que a opressão faz parte da vida de toda uma população negra. Entretanto, o feminismo e a escrita de autoria feminina não podem sancionar a dominação masculina contra mulheres por consideração ao fato de que a crença social difunde e ensina aos homens que dentro de casa são eles que impõem ordens governando o lar.

Para a feminista estadunidense Carole Boyce Davies, “as políticas do feminismo negro só podem ser transformadoras se buscarem desafiar condições e processos sociais, e valorizar existências frequentemente silenciadas ou invisíveis nos atuais padrões da ordem social” (1994, p. 27) <sup>4</sup>. Conceição Evaristo reúne justamente experiências que frequentemente são silenciadas pelas mulheres, seja pelo medo ou, principalmente, pela vergonha de se exporem e exporem seus filhos; ou melhor, a responsabilidade dessas mulheres por fazerem parte de

---

<sup>4</sup> “Black feminist politics can only be transformational if it seeks to challenge social conditions and processes and give value to existences often rendered silent or invisible in current patterns of social ordering” (Tradução nossa).



ISSN: 1983-8379

relacionamentos infelizes, tendo, de alguma maneira, contribuído para que os acontecimentos acontecessem.

Segundo bell hooks (2000, p. 75), a opressão masculina contra mulheres não pode “ser desculpada com o reconhecimento de que há formas de homens machucarem mulheres por meio dos papéis rígidos do gênero [...] isso não anula ou diminui a responsabilidade masculina de sustentar e perpetuar o poder deles sob o patriarcado de explorar e oprimir mulheres”<sup>5</sup>. bell hooks confirma, portanto, que todos somos vítimas do sexismo devido aos papéis “inflexíveis” dos gêneros, e que existe a opressão dos homens para com as mulheres.

Dessa forma, para feministas negras como Boyce Davies e hooks, o posicionamento da mulher negra deve ser liberalmente reacionário à prática subversiva do homem. É exatamente isso que Evaristo traz em sua escrita de autoria feminina, o olhar para a margem, a luta contra a violência e busca por uma nova realidade.

### Considerações finais

O feminismo negro luta contra a injustiça social e contra todas as formas de dominação. Embora Conceição Evaristo configure seu cenário para a violência praticada contra mulheres negras, sua escrita traz uma forma de denúncia ocorrente nos lares e nos espaços íntimos da casa, independente de cor ou condição econômica e financeira familiar.

Ao relatar suas experiências numa combinação de dor, vergonha, e angústia, as mulheres cujas insubmissas lágrimas emocionam leitores expõem a resistência ao poder e a dominação do homem no lar. A voz da opressão alerta a sociedade brasileira leitora para a não invisibilidade social, para um olhar repugnante ao sexismo e a ignorância do patriarcado.

### Referências

DAVIES, Carole Boyce. *Black woman writing and identity*. Migrations of the subject. Nova York: Routledge, 1994. 229 p.

---

<sup>5</sup> “be excused by the recognition that there are ways men are hurt by rigid sex roles. Feminist activists should acknowledge that hurt – it exists. It does not erase or lessen male responsibility for supporting and perpetuating their power under patriarchy to exploit and oppress women” (Tradução nossa).



ISSN: 1983-8379

DU BOIS, W. E. B. *As almas da gente negra*. Tradução, introdução e notas: Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999. 323 p.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. 117 p.

HOOKS, bell. *Feminist theory: from margin to center*. 2 ed. London: Pluto Press, 2000. 179 p.